



ENCONTRO #12

FIM DO EXÍLIO. O PERÍODO DA PÉRSIA, GRÉCIA E ROMA

1. INTRODUÇÃO

No século VIII a.C. a Assíria impôs-se como potência expansionista: O reino de Israel, aliado à Síria, pressionou o reino de Judá a juntar-se à coligação, mas Acáz pediu ajuda à Assíria, contrariando indicações do profeta Isaías. Em 734 a.C. Tiglat-Pileser III conquistou Filisteia, Galileia e Galaade, deportando populações; Damasco caiu e o reino do Norte ficou reduzido à Samaria. Esta foi tomada definitivamente por Sargão II em 722 a.C. materializando-se no fim do reino do Norte.

No Sul, Josias promoveu uma reforma religiosa centrada em Jerusalém, mas a ascensão da Babilónia e a intervenção egípcia mudaram o quadro político: o rei de Judá, Josias, morreu na batalha de Meguido (609 a.C.), Joacaz foi deposto e Joaquim, vasalo do Egito, aclamado rei, esta escolha veio a agravar a crise política e religiosa no reino de Judá.

O profeta Jeremias advertiu para o avanço babilónico; Nabucodonosor, rei da Babilónia, em 598–597 a.C., impôs vassalagem, deportou prisioneiros. (Foram deportados, na sua maioria, pessoas da classe dirigente Judá, entre eles o jovem Ezequiel) e, em 587 a.C., destruiu Jerusalém e o Templo, consumando o grande exílio.

O Exílio da Babilónia (587–539 a.C.) deixou a Palestina desolada: cidades arrasadas, população dispersa e perda das referências

centrais — Templo, rei e território. Em crise de fé, muitos questionaram a justiça de Javé; porém, sob a ação dos profetas, o povo reconheceu a sua infidelidade e nasceu a esperança de uma nova Aliança, interior e universal, fundada na justiça, na misericórdia e na fidelidade divina (cf. Jr 31; Ez 36).

2. O REGRESSO A CASA

Desde o cisma de 932 a.C., que o Povo de Deus nunca mais conseguira unidade e estabilidade. Com a queda da Samaria e mais tarde com o Exílio da Babilónia, este Povo tudo vai perder, nomeadamente, a independência política. O Povo de Israel, desunido e enfraquecido, foi facilmente presa das potências económicas e militares, sem qualquer poder de decisão ou intervenção.

Com a Babilónia aparentemente invencível, a ideia de voltar um dia a Jerusalém devia parecer, aos exilados, uma quimera. E, no entanto, tal como a história muitas vezes demonstrou, os impérios surgem e caem e o Império Babilónico não foi exceção. Uma nova potência estava a prosperar a sul: a Pérsia. De repente, tudo começou a mudar. Talvez os profetas tivessem razão; afinal, talvez houvesse lugar para a esperança.

3. O IMPÉRIO PERSA

Após a morte de Nabucodonosor (562 a.C.) o poder da Babilónia entre em declínio. O enfraquecimento deste império suscita, por sua vez, o aparecimento de um outro, o Império Persa.

Quando Ciro, da Pérsia, em outubro de 539 a.C., conquistou a Babilónia, passa a governar um vasto império. Ciro era um soberano esclarecido e que procurava obter o respeito e simpatia dos povos conquistados. Uma das suas grandes preocupações foi sempre preservar a autonomia e a religião dos povos sob o seu domínio. Permitiu-lhes, inclusivamente, regressar às suas terras, com a ajuda económica do Estado.

Foi esta política que o levou, em 538 a.C., a publicar um édito que autorizava os Hebreus a voltarem a casa e a reconstruírem o



templo (cf. Esd 1,1-4). Além disso, permitiu-lhes que levassem consigo, também, os vasos sagrados que Nabucodonosor havia saqueado do Templo de Jerusalém (cf. Esd 6,3-5). Todavia, não foram muitos os que se apressaram a voltar, porque as comodidades já alcançadas eram um elemento dissuasor para empreenderem uma nova aventura da fé. Muitos exilados, que tinham já refeito a sua vida, não estavam dispostos a deitar tudo para trás das costas.

Desde que os primeiros exilados foram mandados para a Babilônia, em 605 a.C., até ao seu regresso, em 538 a.C., passaram quase 70 anos. Isaías profetizara a ascensão ao poder de Ciro, mais de 150 anos antes, referindo, inclusivamente, o seu nome (Isaías 44,28; 45,1.13) e denominando-o «o ungido do Senhor» (tão convicto estava de que Ciro haveria de realizar os planos de

Deus para o seu povo). Embora alguns estudiosos considerem que terá sido um admirador mais tardio («Isaías da Babilónia») a escrever os capítulos 40 e seguintes, achando problemática a ideia de uma profecia de tão longo alcance, muitos outros não encontram qualquer motivo para duvidar da precisão das profecias de Isaías. Como ele dizia, se Deus é eterno pode anunciar «de antemão ... e muito antes que suceda» (Isaías 46,10).

Reino de ISRAEL (Judá)		PÉRSIA	
Data (a.C.)	Acontecimentos	Data (a.C.)	Reinado
605	Primeiro exílio para a Babilónia		
597	Segundo exílio para a Babilónia		
586	Exílio final para a Babilónia		
539	Ciro conquista a Babilónia	559 – 530	Ciro
538	Os Hebreus regressam a Jerusalém		
536-516	O Templo é reconstruído	530-522	Cambises (não mencionado na Bíblia)
520	As profecias de Ageu e Zacarias são de encorajamento	522-486	Dario I
458	Esdras chega a Jerusalém	486-464	Xerxes (As-suero)
445	Neemias regressa e reconstrói as muralhas	464-423	Artaxerxes I

4. A VIDA NA PALESTINA APÓS O REGRESSO DO EXÍLIO

As únicas fontes, que hoje possuímos acerca do primeiro século que se seguiu ao Exílio são os dois livros de Esdras (o segundo é,

normalmente, chamado de Neemias). O fervor religioso, que culmina com a consagração do Templo em 515 a.C. (cf. Esd 6,15), esgotou-se depressa. Os repatriados tiveram de se haver com a dura realidade de uma vida pobre e difícil, em contraste com os belos ideais de reconstrução trazidos da Babilônia. Por outro lado, começam a surgir problemas, quer com os que tinham permanecido na Palestina, aquando do Exílio, quer com os Samaritanos.

Neemias e Esdras assumem, nesse período e nesta situação, uma particular importância. O primeiro, regressado à Palestina em 445 a.C. (Ne 2,1ss), era um grande organizador político e religioso, que sonhava ver reconstruída a sua pátria na segurança, paz e independência. Esdras, que tal como Neemias, atingira posições de relevo na corte persa (Esd 7,12-23), regressa em 423 a.C. e tenta reanimar a comunidade judaica à volta do Templo e da Lei (Torah) e avivar no Povo os compromissos com Javé, através da renovação da Aliança (Ne 10,1ss). Sobre este período (e até 167 a.C.) a Bíblia não diz muito mais sobre a vida da Palestina.

5. O IMPÉRIO MACEDÓNIO (Grego)

O Império Persa, que se estendeu de 550 a.C. até 330 a.C., teve o seu fim marcado pela derrota em três batalhas decisivas contra o Império Macedónio, liderado por Alexandre, o Grande. As batalhas mais notáveis foram a Batalha de Granicus, a Batalha de Isso e a Batalha de Gaugamela. Essas vitórias decisivas forçaram as tropas persas a recuar e permitiram a expansão do Império Macedónio para o território persa, resultando no colapso do Império Persa e no início do Império Macedónio.

Podemos apenas dizer que o movimento de helenização levado a cabo por Alexandre, o Grande (356-323 a.C.), em todo o Oriente, teve consequências importantes para a história do povo de Deus. É no reinado de Alexandre, o Grande que se difunde o grego como língua vulgar (Koiné) em todas as regiões conquistadas.

Após a sua morte, no ano 323 a.C., o império é dividido entre os

seus generais: a Frígia fica para Antígono; a Assíria e a Babilónia para Seleuco; o Egito para Ptolomeu, a Macedónia para Cassandro e a Trácia para Lisímaco. Segue-se um período de disputas entre estes herdeiros: apenas o Egito mantém uma certa estabilidade, o que vai permitir à comunidade judaica (diáspora), aí residente, aprofundar a sua fé e traduzir para grego os textos da Escritura, pois, falando em grego, já se tinham esquecido da língua hebraica. Nasce, deste modo, a célebre versão grega da Alexandre, o Grande dos LXX, concluída por volta do século II da nossa era. (nota: esta famosa tradução da Bíblia hebraica para grego, também chamada Septuaginta, está envolvida em lenda, na qual, 70 sábios foram colocados em 70 locais distintos e, no final, comparando, verificaram que a tradução que tinham feito era exatamente igual.

6. A INDEPENDÊNCIA DE ISRAEL (143-63 a.C.)

Na Palestina, que numa primeira fase pertencia à dinastia dos Ptolomeus (até 198 a.C.) viveu-se uma certa estabilidade e, como é natural, houve uma certa assimilação da cultura grega até ao dia em que foi conquistada pelos Selêucidas. Um dos reis desta dinastia, Antíoco Epífanes ou Epifânio, pela sua dureza e intolerância, proibiu as práticas religiosas dos Judeus e instalou, no Templo de Jerusalém, a estátua de Zeus, vindo a suscitar o ódio dos Judeus, que acabariam por revoltar-se, criando-lhe bastantes problemas: foi a célebre revolta dos Macabeus (168-142 a.C.). A luta teve um desenrolar sangrento com vantagem ora para uma parte ora para outra. Judas Macabeu e seus irmãos, que eram os chefes da resistência hebraica, conseguiram surpreendentes êxitos militares e souberam tirar partido das divisões internas do reino da Síria. Ressurgiu assim, nesta época de vitórias, a realidade que desaparecera desde a queda de Jerusalém (586 a.C.): pela primeira vez, a comunidade judaica tornou-se independente do jugo estrangeiro.

A Simão, irmão de Judas Macabeu, foi conferido o cargo de Sumo Sacerdote e de príncipe. Nascia, deste modo, a dinastia dos Asmoneus, nome derivado de um lendário antepassado, que se teria chamado Asmoneu.

Simão teve como sucessores os seus filhos, João Hircano I (134-104 a.C.) e o filho deste, Aristóbulo I (104-103 a.C.), os quais começaram a atribuir-se o título de rei. Passado não muito tempo, emergiram, de novo, as antigas discórdias internas. Só com muito esforço, Alexandra Salomé, viúva de Aristóbulo I, conseguiu conservar o trono: primeiro para o irmão mais novo do marido, Alexandre Janeu (103-76 a.C.), com quem se casou e, depois, para si própria (76-67 a.C.). Após a sua morte, começou um longo período de lutas, entre os seus dois filhos, Aristóbulo II (67-63 a.C.) e Hircano II, o qual com o apoio dos Fariseus (criado nesta época, o partido dos Fariseus, inspirado no formalismo religioso, interpretava a Lei [Torah] com extremo rigor e fanatismo), reivindicava para si o trono. Por fim, ambos se dirigiram ao general romano Pompeu, pedindo-lhe que resolvesse ele a controvérsia.

7. SOB O DOMÍNIO DO IMPÉRIO ROMANO

No ano 63 a.C., a Palestina é ocupada pelos Romanos e torna-se, mais uma vez, um joguete em mãos alheias. Entrando então em Jerusalém, Pompeu aprisionou Aristóbulo II, cujos adeptos promoveram uma resistência, e reconheceu como rei Hircano II (63 a.C.), mas, desta vez, com uma autoridade puramente nominal. Após a sua morte, a dinastia asmoneia foi suplantada por Herodes (37- 4 a.C.), filho de Antípater, um não judeu (idumeu), chefe militar ao serviço dos Asmoneus e marido da asmoneia Mariana. Também para ele, naturalmente, o título «rei dos Judeus» não era senão nominal: o poder efetivo estava doravante nas mãos dos Romanos. Entretanto e enquanto Herodes mantinha o trono pela violência e pela astúcia sem escrúpulos, em Roma, Augusto (31 a.C.-14 d.C.) fundava o império dos Césares.

Ao concluirmos esta breve viagem poderíamos dizer que o período que vai entre o regresso do Exílio e o início da era cristã é assinalado por dois fatores importantes: A reflexão aprofundada acerca dos problemas existenciais da vida humana à luz da fé em Javé, um Deus, que se vai tornando cada vez mais universal (literatura sapiencial e profética); a acentuação da religião judaica

como uma religião cada vez mais legalista e o sonho do recuperar a dimensão territorial existente no reinado de David, apontando para um novo reino davídico e messiânico, embora com características nacionalistas. Será este o espectro de fundo que irão rodear as intervenções de João Batista e de Jesus.